



CAUSA OPERÁRIA

ANO 46 • Nº 1.430

13 A 19 DE JULHO DE 2026

R\$ 3,00



FUNERAL DE KHAMENEI

UMA GIGANTESCA DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA

Sepultamento do líder máximo da República Islâmica e da Resistência, assassinado durante a agressão sionista e norte-americana confirma a consolidação da unidade do país na luta em defesa da revolução e da luta anti-imperialista, bem como o apoio dos povos oprimidos **pág. 8**

CELULARES

“Socialistas”
ajudam Tarcísio
na repressão

pág. 6

ARGENTINA

A farsa Messi e
a manipulação
na Copa

pág. 4

PSOL

O vale tudo por
dinheiro

pág. 5

DIREITA E ESQUERDA

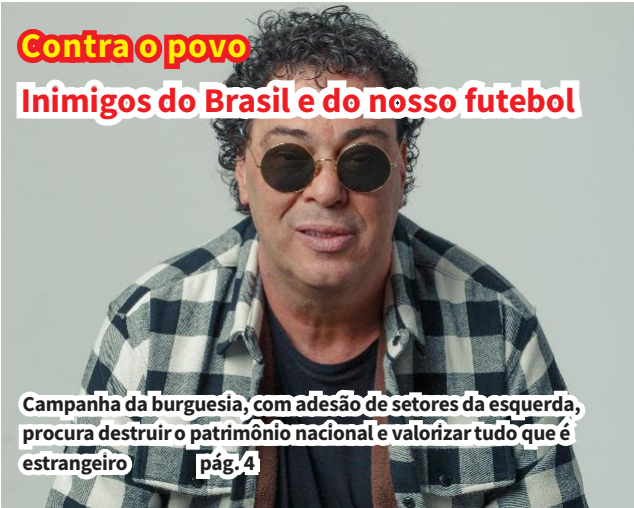
Usando o terremoto
para atacar a
Venezuela

pág. 7



Brasil
Banqueiros sugam R\$1 trilhão em juros

Valor pago anualmente equivale a 8,8% e o total da dívida chega a 88% do Produto Interno Bruto brasileiro **pág. 3**



Contra o povo
Inimigos do Brasil e do nosso futebol

Campanha da burguesia, com adesão de setores da esquerda, procura destruir o patrimônio nacional e valorizar tudo que é estrangeiro **pág. 4**



Também na França
**Fracassa a perseguição
e Le Pen será candidata**

Justiça é forçada a abrir caminho para a candidatura da líder da extrema-direita **pág. 7**



Encenação
**Para limpar a própria barra, STF
finge combater “penduricalhos”**

Ministros buscam enganar a opinião pública com a propaganda do suposto combate aos exageros, ao mesmo tempo em que aumentam seus privilégios **pág. 5**

RÚSSIA

Vitória em Lugansk,
um duro revés ao
imperialismo

pág. 8

AVANÇO DA DIREITA

Lutar contra o
golpe na Colômbia

pág. 2

EXPORTAÇÕES

Déficit expõe
falência da política
industrial

pág. 6

PALESTINA

1.000 dias de genocídio
e Resistência na
Faixa de Gaza

pág. 8



Opinião

Editorial

A censura a serviço do genocídio imperialista

A luta pela liberdade de expressão está na origem das principais conquistas democráticas da humanidade. A derrubada da monarquia absoluta, o regime republicano, o direito de organização política e a liberdade de imprensa são resultado de séculos de enfrentamento contra o Estado e contra o monopólio ideológico das classes dominantes.

Na Idade Moderna, essa luta apareceu, em primeiro lugar, como liberdade de consciência. Isto é, o direito de cada um formar sua opinião, professar sua crença, defender sua concepção política e não ser obrigado a repetir aquilo que o Estado, a Igreja ou qualquer poder estabelecido determinasse como verdade oficial. Sem essa liberdade elementar, todas as demais liberdades políticas perdem o seu conteúdo.

É exatamente essa conquista histórica que está sendo atacada hoje no Brasil e no mundo. O caso da Palestina é a demonstração mais clara. Quem denuncia o massacre promovido por “Israel” na Faixa de Gaza, quem defende o povo palestino contra o genocídio, passa a ser acusado de propagar ódio contra os judeus. Não é preciso ter dito uma palavra contra os judeus. Basta condenar o sionismo, isto é, a política colonial que sustenta o Estado de “Israel”, para ser alvo da máquina de censura.

Essa não é uma distorção accidental da lei. As normas contra o “discurso de ódio” foram feitas justamente para permitir esse tipo de perseguição. No Brasil, quando se discutiu a mudança do Marco Civil da Internet no STF, uma das entidades que apareceu no processo foi a Confederação Israelita do Brasil (Conib). Ou seja, uma entidade que apoia politicamente o Estado responsável pelo genocídio em Gaza participa da formulação de mecanismos que podem ser usados para calar os que denunciam esse genocídio.

A censura, porém, não atinge apenas os defensores da Palestina. Na Europa, a repressão contra posições contrárias à política imperialista já alcança quem divulga informações ligadas à Rússia, ao Irã, ao Iêmen ou ao Hesbolá. Sítios russos são bloqueados; canais iranianos e iemenitas sofrem restrições; publicações vinculadas à resistência libanesa são perseguidas.

O pretexto muda conforme a ocasião. Contra a Rússia, diz-se que é preciso combater a “propaganda” de um país que invadiu a Ucrânia. Mas esse critério jamais é aplicado aos EUA, que invadiram, bombardearam e destruíram dezenas de países. Tampouco é aplicado a “Israel”, que há décadas invadiu a Palestina e promove uma guerra de extermínio.

O objetivo fundamental dessa política é proteger os maiores opressores da humanidade. A censura serve para impedir que os povos conheçam a versão dos palestinos, dos iranianos, dos russos, dos iemenitas, dos libaneses e de todos aqueles que se colocam contra a dominação imperialista. Serve para tornar ilegal a solidariedade com os povos oprimidos.

Quando a liberdade de expressão é destruída, as demais liberdades caem em seguida. Sem poder falar, não há liberdade de imprensa. Sem poder defender uma posição, não há liberdade de organização. Sem poder denunciar o imperialismo, não há luta política real.



Reprodução

SEM MEIA LIBERDADE Sem liberdade de expressão, não há liberdade de imprensa nem liberdade de organização

Um ataque à liberdade de imprensa e de expressão

O jornalista Ricardo Kotscho e o portal **UOL** foram condenados pela 2ª Turma Recursal Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo a pagar R\$10.000,00 ao deputado federal Kim Kataguiri. Kotscho se referiu a ele como “neonazistinha” em uma publicação.

Em um podcast, Kataguiri afirmou considerar errada a decisão da Alemanha de proibir legalmente o nazismo. A defesa de Kotscho e do **UOL** sustentou que o termo usado pelo jornalista tinha relação direta com essa fala pública do deputado.

Em primeira instância, a juíza Vivian Novaretti, da 1ª Vara do Juizado Especial Cível da Comarca de São Paulo, negou o pedido de indenização, destacando que ao se manifestar daquele modo em um podcast, Kataguiri poderia prever que sua fala seria interpretada como uma posição de tolerância diante de uma ideologia criminosa.

A magistrada também afirmou que tanto o deputado quanto o jornalista haviam exercido a liberdade de expressão. Kataguiri recorreu.

No julgamento do recurso, o relator, desembargador Benedito Sergio de Oliveira, afirmou que a liberdade de imprensa encontra limites na honra e na imagem das pessoas. Chamar o deputado de “neonazistinha” não seria uma crítica, mas uma qualificação pessoal associada a uma ideologia totalitária.

A 2ª Turma Recursal Cível do TJ-SP acompanhou esse entendimento e condenou Kotscho e o **UOL** ao pagamento da indenização, além das custas processuais e honorários advocatícios fixados em 20% sobre o valor da condenação.

O honradíssimo Kim Kataguiri também processou Rui Costa Pimenta, presidente nacional do **Partido da Causa Operária (PCO)**, por declarações feitas em fevereiro de 2024. Pimenta criticou a ação movida por Kataguiri para impedir o repasse de recursos do governo Lula à agência da ONU responsável pela assistência a refugiados palestinos.

A ação buscou anular o ato que autorizou o envio de ajuda humanitária à agência, alegando que os recursos poderiam ser desviados para o Hamas. Em resposta, Pimenta afirmou que a política de cortar dinheiro destinado a um povo submetido à fome e ao massacre era uma política nazista. Foi condenado a pagar R\$10.000,00 por danos morais a Kataguiri. Em outubro do mesmo ano, o **PCO** informou que a condenação havia resultado no bloqueio das contas bancárias de Pimenta e que o valor cobrado havia chegado a R\$16.000,00. O Partido realizou uma campanha financeira com o lema: “**Ele não merece, mas precisamos pagar**”.

O ponto comum entre os dois processos é o uso da Justiça para transformar críticas políticas em ofensa pessoal indenizável.

Lutar contra o golpe na Colômbia

A recente mobilização convocada pelo presidente colombiano Gustavo Petro, apesar de tardia, marca uma resposta crucial diante da ameaça que se desenha na política colombiana e, por extensão, na América Latina. Com o apoio dos Estados Unidos e de “Israel”, a eleição de Abelardo de la Espriella, figura da direita, foi um golpe na soberania e no processo eleitoral do país.

Petro conclamou a população para uma mobilização no dia 20 de julho, Dia da Independência da Colômbia, como forma de resistência contra a posse de De la Espriella.

A eleição de De la Espriella, ainda que reconhecida por algumas missões internacionais submissas ao imperialismo como legítima, levanta suspeitas devido ao apoio explícito dos Estados Unidos ao candidato direitista que possui nacionalidade norte-americana e, para obtê-la, jurou fidelidade à Constituição dos Estados Unidos. Petro e seus aliados, como o senador Ivan Cepeda, questionam a legitimidade desse governo, acusando-o, corretamente, de preparar um terreno para dismantelar reformas sociais e perseguir adversários políticos.

Os dirigentes da esquerda convocaram à desobediência civil, contra medidas que possam atacar direitos fundamentais. A intenção é clara: impedir que a Colômbia siga o caminho de outros países da região que,

sob governos neoliberais, sofreram com a perda de direitos trabalhistas e sociais.

A situação política na Colômbia torna ainda mais clara a ofensiva mais ampla do imperialismo na América Latina, em meio a uma situação de crise histórica do capitalismo e de importantes derrotas dos países mais ricos no Oriente Médio (vitória do Irã) e na Europa (Rússia). Após as vitórias da direita em países como Argentina e Equador, a Colômbia representa um novo campo de batalha. Para Petro, não reconhecer passivamente a posse de De la Espriella é um ato necessário para preservar a soberania e os direitos do povo colombiano.

A mobilização convocada por Petro não deve ser vista apenas como uma resistência à posse de um governo de direita, mas como uma defesa dos princípios democráticos e da soberania nacional. A história recente da América Latina mostra que a passividade diante de intervenções externas pode resultar em retrocessos significativos. É fundamental que a mobilização popular não só busque inviabilizar a posse de De la Espriella, mas também crie condições para uma resistência efetiva à ofensiva da direita (como acontece na Bolívia) garantindo que a Colômbia não se submeta a interesses externos em detrimento de seu próprio povo.



Destaques

55ª Universidade de Férias: sucesso e sintonia com a atualidade

No último dia 5, encerrou-se com grande êxito a 55ª edição da Universidade de Férias e do Acampamento da Aliança da Juventude Revolucionária (AJR). Esse evento, que já acontece há 28 anos, reuniu mais de 150 participantes, principalmente jovens de todas as regiões do Brasil, em uma celebração de aprendizado, troca de ideias e fortalecimento político.

Com o tema central “A História do Irã e da República Islâmica”, o evento contou com o curso de formação política ministrado por Rui Costa Pimenta, presidente nacional do **Partido da Causa Operária (PCO)**, que desafiou as visões simplistas promovidas pela propaganda imperialista, incentivando uma compreensão mais profunda e concreta da Revolução Islâmica e do papel crucial desempenhado pelo clero xiita e por diversos setores da sociedade iraniana.

Realizado em uma área de 150 mil metros quadrados, o evento proporcionou uma infraestrutura completa, com chalés, áreas de acampamento, uma cozinha ampla, piscina semiolímpica, quadras esportivas e um campo de futebol, permitindo aos participantes uma experiência completa, alternando entre aulas, discussões, descanso e atividades esportivas.

Além das atividades acadêmicas, os partici-

pantes desfrutaram de momentos de lazer e integração, como futebol, jogos de tabuleiro, fogueiras e outras palestras enriquecedoras.

Destaque para a palestra sobre astronomia com Fernanda Ribeiro, professora e doutora em ensino de ciências pela USP, e a palestra impactante sobre parto humanizado com Ric Jones, obstetra e ativista.

A promessa de realizar aulas extras para cobrir o conteúdo planejado demonstra o compromisso com a educação e a formação política dos participantes.

O sucesso da 55ª edição reafirma o poder transformador da educação e da organização coletiva, preparando os jovens e trabalhadores para enfrentar os desafios da etapa atual de crise do imperialismo com base na teoria revolucionária, marxista, sobre os principais acontecimentos.

Banqueiros sugam R\$1 trilhão só em juros da dívida pública

Valor anual de juros equivale a 8,8% e o total da dívida chega a 88% do Produto Interno Bruto brasileiro

Em 2024, o Brasil destinou o equivalente a 8,8% de seu Produto Interno Bruto (PIB) aos bancos para pagamento de juros da dívida pública.

De 2023 a 2024, o percentual do PIB brasileiro destinado ao pagamento dos juros da dívida cresceu de 5,8% para 8,8%. Como o PIB brasileiro alcançou R\$11,7 trilhões em 2024, aproximadamente R\$1,03 trilhão da riqueza produzida pelo povo brasileiro foi transferido aos banqueiros.

Mas os juros representam apenas uma parte desse vampirismo. Em 2024, a dívida pública brasileira equivalia a 88% do PIB, cerca de R\$10,3 trilhões, a oitava maior entre os países do G20.

Para o povo, nada sobra

Enquanto os especuladores se apropriam de mais de R\$1 trilhão por ano, em nome de uma dívida cuja origem jamais foi esclarecida e que sequer deveria existir, ao povo

brasileiro restam apenas as sobras do orçamento.

No último ano, enquanto os bancos levaram mais de \$ 1 trilhão, para o orçamento destinado aos programas sociais foram apenas R\$441 bilhões, entre Bolsa Família, para mais de 50 milhões de brasileiros que recebem míseros R\$ 600 mensais; Benefício de Prestação Continuada (BPC) para 6,7 milhões de pessoas, dentre as quais 4 milhões de pessoas com deficiência e 2,7 milhões de idosos, todos sobrevivendo com apenas um salário mínimo.

A lógica de deixar apenas as sobras para a população também se repete em outras áreas, como os valores destinados às pastas da Educação e Saúde. O Programa Minha Casa Minha Vida, por exemplo, operou com um orçamento recorde próximo de R\$180 bilhões em 2025. Desse montante, no entanto, a verba aprovada diretamente no Orçamento Geral da União (LOA) foi de apenas R\$18,1 bilhões. Valores totalmente

insuficientes para atender à enorme demanda de pessoas sem moradia própria em todo o território nacional.

Estatização do sistema financeiro

Enquanto a maioria do povo brasileiro luta diariamente para sobreviver e muitos morrem nas filas do SUS, toda a riqueza nacional vai para os cofres dos bancos.

Diante desse quadro, torna-se necessária a redução imediata dos juros. Mas isso não basta: é preciso suspender o pagamento da dívida e realizar uma auditoria conduzida pelas organizações populares, para evidenciar o caráter fraudulento da dívida, apontando para a necessidade de seu não pagamento e da nacionalização do sistema bancário. Para direcionar os recursos hoje apropriados pelos banqueiros ao desenvolvimento nacional, à geração de empregos e à melhoria das condições de vida da população.



SANGUESSUGAS. Montante de recursos destinados aos bancos deixam sem verbas a Habitação, Saúde, Educação...

Controle imperialista

O imperialismo é um fenômeno geral na sociedade e procura controlar todos os aspectos sociais. Não é só a política, os sindicatos, a questão econômica, é tudo. O futebol é o esporte que mais gera dinheiro no mundo. Só isso já colocaria a necessidade de controlar o esporte. Mas tem outro aspecto: o futebol é uma coisa muito política e mobilizadora das massas. No Brasil isso é muito evidente. Como parte da cultura e da identidade nacional é muito importante acompanhar e se posicionar sobre o tema

Identidade nacional

O Brasil não é o país do futebol porque ganhou mais Copas que qualquer outro. O Brasil é o país do futebol por causa do povo brasileiro. Futebol é uma manifestação nacionalista do povo brasileiro. É parte da identidade nacional. Não depende se o Brasil ganha ou não ganha a Copa do Mundo. É o povo que ama o futebol. Defender o futebol brasileiro, a seleção brasileira do controle capitalista e dos ataques do imperialismo é defender a nossa cultura, identidade, os interesses nacionais, do povo brasileiro.

Direito fundamental

A liberdade de expressão é o direito democrático fundamental, é o direito de não ter o seu pensamento dirigido por uma força exterior, que é o que acontece atualmente no Brasil e em vários países do mundo, onde os governos procuram impor uma determinada opinião ao conjunto da população. O que vem sendo feito através da denúncia do chamado “discurso de ódio”. Mas o caso da Palestina evidencia a manipulação política. Já que quem denuncia o genocídio dos palestinos por “Israel” está sendo acusado de “ódio aos judeus”. Manipulação sionista

Manipulação sionista

Quem defende os crimes dos sionistas contra os palestinos está silenciando toda denúncia do genocídio sob a alegação de crime de racismo, ou melhor dizendo, antissemitismo, um suposto “ódio contra os judeus”. Mesmo que nada seja dito contra os judeus, as leis punitivas contra o suposto “discurso de ódio” se prestam a essa manipulação e servem para impedir as denúncias, garantir e perpetuar o avanço da violência e extermínio do povo palestino, com a dominação sionista da região em favor do imperialismo.

Controle da informação

A censura se amplia contra todos os setores que enfrentam o imperialismo. Na Europa, pessoas estão sendo perseguidas por reproduzirem conteúdos da **RT**, emissora russa, e há restrições na internet para acesso a páginas ligadas ao Iêmen, ao Hesbolá e ao Irã, evidenciando o controle do acesso à informação. O sentido fundamental dessa censura é proteger as pessoas e entidades políticas que, com ou sem discurso de ódio, espalham a destruição pelo mundo.

Especial Copa

Inimigos do Brasil e do nosso futebol

Campanha da burguesia, com adesão de setores da esquerda, procura destruir o patrimônio nacional e valorizar tudo que é estrangeiro

Aproveitando-se da derrota da Seleção Brasileira para a Noruega, os inimigos do nosso futebol voltaram à carga.

Parte fundamental desse esquema é uma imprensa venal e lesa-pátria (*Rede Globo, Folha, UOL* etc.) que procura impor um novo “complexo de vira-latas” ao povo. Eles exaltam a “organização europeia” enquanto tentam enfiar goela abaixo uma disciplina artificial e burocrática, mascarada de “modernidade” e “moralidade”.

O massacre de Neymar

A eliminação diante da Noruega foi o sinal esperado por essa burguesia para desatar uma campanha furiosa. Não bastou analisar os erros em campo ou os gols de Haaland. O que se viu foi uma operação política de ataque à Seleção e, principalmente, a Neymar Jr.

A farsa se revela nos fatos: Neymar jogou menos de 45 minutos em todo o torneio, entrou no segundo tempo com

o placar zerado e marcou o único gol do Brasil, de pênalti. Mostrou mais personalidade e futebol-arte do que todos os seus companheiros, mas foi eleito o culpado moral.

O ódio a Neymar é o ódio ao jogador brasileiro que não se submete ao padrão europeu. Os abutres da imprensa tentam forçar sua aposentadoria precoce aos 34 anos, ignorando que Messi e Cristiano Ronaldo jogaram até quase os 40. É a mesmíssima tática suja usada em 1974 para fritar Pelé, alegando que o Rei estava “velho e gordo” até fazê-lo desistir da Seleção.

Figuras de todo o espectro se unem no mesmo chorume moralista: Juca Kfoury chamou o craque de “pequeno cafajeste”; Neto rotulou a geração como “mentira”; Casagrande disse que ele “não é ídolo”; e o MBL atacou sua vida pessoal. Nenhum desses quer salvar o futebol. Querem que o povo tenha vergonha de seus próprios craques.

Resgatar a soberania dos gramados

A Seleção Brasileira é a representante histórica dos povos oprimidos contra os grandes países imperialistas e os monopólios da FIFA. A tese de que o país não produz

mais craques é uma mentira grosseira. A imprensa apenas se recusa a reconhecer o valor dos nossos talentos quando eles vestem a camisa amarela.

Para reconstruir o futebol brasileiro, é preciso enfrentar essa superestrutura. O torce-

dor comum nas favelas não quer saber de táticas engessadas; ele compreende o drible e a ousadia. A derrota para a Noruega foi apenas um jogo perdido. Já o linchamento promovido depois dele não é esporte: é política da pior espécie contra o Brasil.



VALEU MENINOS DO BRASIL! Jogadores enfrentaram, como todo o povo, a campanha dos inimigos do Brasil

A farsa Messi e a manipulação na Copa

Na partida entre Argentina e Egito pelas oitavas de final da Copa do Mundo da FIFA, a atuação da arbitragem evidenciou o favorecimento da seleção argentina e de Lionel Messi. O confronto, que terminou com uma vitória controversa da Argentina, não deixou dúvidas de que Messi é uma criação artificial do grande capital e da imprensa internacional, com o objetivo de rivalizar com o futebol-arte brasileiro, representado por jogadores como Neymar.

O Egito liderava por 2 a 0 quando uma série de decisões questionáveis da arbitragem mudou o rumo da partida. A primeira quando o VAR anulou um gol legal do Egito, alegando uma falta inexistente na origem da jogada. Em contraste, infrações argentinas, como um empurrão em Salah dentro da área, foram ignoradas. A Argentina conseguiu virar o jogo, com um gol decisivo marcado nos acréscimos, após um lance controverso.

A indignação não ficou restrita aos torcedores. O técnico do Egito, Hossam Hassan, e o jogador Zico, expressaram publicamente suas críticas,

acusando a arbitragem de manipulação para manter Messi na competição. A Federação Egípcia de Futebol apresentou uma queixa formal à FIFA, exigindo investigação e punição aos árbitros.

É evidente que Messi depende excessivamente de pênaltis e decisões favoráveis dos árbitros para sustentar sua imagem de craque. Em contraste, Neymar, um exemplo de talento genuíno, foi frequentemente atacado pela mesma imprensa.

A partida não apenas escancarou a influência da arbitragem no futebol, em uma Copa em que os EUA foi favorecido com a anulação de cartão vermelho, pedida por Trump, mas também demonstrou a construção de “ídolos esportivos” pelas campanhas publicitárias dos grandes monopólios da imprensa.

Se Messi fosse o gênio que dizem, não precisaria de gol anulado contra o adversário, pênalti inventado a seu favor, pênalti não marcado contra sua equipe, VAR seletivo e árbitro protegendo a Argentina. Precisaria apenas jogar futebol.

“O mundo do futebol ainda precisa se curvar ao talento brasileiro”

A derrota brasileira foi uma triste surpresa ao povo em seu sonho pelo hexa. A partida foi marcada por uma inversão completa de expectativas.

A Seleção furou as linhas e construiu oportunidades claras, superando os adversários em volume de finalizações perigosas. No entanto, a eficácia foi quase nula: o índice de chances desperdiçadas pelo Brasil chegou a ser três vezes maior que o da Noruega. Esse desperdício impediu que o placar refletisse essa superioridade. No fim, ao ceder espaços na intermediária por falta de combate ao portador da bola, o Brasil permitiu que a Noruega transformasse seu volume em gols, punindo a ineficiência ofensiva brasileira.

Em vez de promover uma “caça às bruxas” elegendo Neymar como vilão, a análise tática mostra que o erro não foi colocá-lo em campo, mas sim mantê-lo no mesmo esquema reativo anterior. A adaptação exigia transformar Neymar no “ponto focal da transição”, usando sua genialidade para valorizar a posse de bola, romper as linhas norueguesas e abastecer o ataque com passes limpos e de ruptura.

Apesar das adversidades coletivas, Neymar mostrou sua categoria na cobrança de pênalti contra a Noruega: uma caminhada lenta, olhos fixos no goleiro até o último décimo de segundo e um toque sutil, deslocando o arqueiro provocador com a frieza que só os gênios possuem.

Ao final da partida, o atacante Erling Haaland demonstrou sua admiração: “O Brasil continua sendo a maior referência técnica do futebol mundial. Enfrentá-los é sempre um teste extremo, porque eles têm os jogadores mais talentosos e imprevisíveis do planeta. Eles conseguem criar chances claras a partir do nada, com uma magia que nenhuma outra seleção possui.”

Nós vencemos hoje por causa de detalhes táticos e eficiência, mas o volume de jogo e a qualidade técnica pura que o Brasil apresentou em campo mostram que eles estão em um patamar diferenciado. Se eles conseguirem ajustar esses pequenos erros de encaixe, não tenho dúvidas de que são os favoritos absolutos ao hexacampeonato. O mundo do futebol ainda precisa se curvar ao talento brasileiro.”

O reconhecimento do astro adversário valida que o sonho do hexa não acabou. Ele se fortalece na certeza de que o talento do país do futebol é insuperável e que os ajustes pavimentarão o caminho, novamente, rumo ao topo do mundo.



HONESTAMENTE Líder da vitória norueguesa reconheceu superioridade e importância do futebol brasileiro

Nacional

Para limpar a própria barra, STF finge enfrentar “penduricalhos”

Ministros buscam enganar a opinião pública com a propaganda do suposto combate aos exageros, ao mesmo tempo em que aumentam seus privilégios

Os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, Flávio Dino, Cristiano Zanin e Gilmar Mendes determinaram que sete Tribunais de Justiça do país explicassem, pagamentos realizados a juízes e desembargadores que fogem da regra de restrição dos “penduricalhos” criada pela corte em 25 de março deste ano.

Os tribunais do Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rondônia deveriam enviar, na semana passada, ao STF as folhas de pagamentos dos magistrados dos meses de abril a julho, discriminando verbas remuneratórias e indenizatórias. Caso seja comprovado o descumprimento da decisão da corte, foi anunciado que poderia haver afastamento dos presidentes destes tribunais, bem como sua responsabilização penal, civil e disciplinar.

A regra de restrição aos penduricalhos votada pelo STF determinou que magistrados e integrantes do Ministério Público poderiam receber como verbas indenizatórias um valor limite de 35% de seus salários, ou seja, foi liberado que os “homens da capa preta” recebam bem acima do teto constitucional.

Mais privilégios

Para “compensá-los” pela perda, foi votado o retorno do adicional por tempo de serviço, de 5% a cada 5 anos, extinto para os magistrados em 2006. O saldo final, portanto, é a legalização de ganhos de até R\$78,8 mil para juízes e desembargadores, valor muito acima do teto constitucional de R\$46 mil.

E frente à insatisfação dos juízes, o STF ainda flexibilizou o recebimento de mais algumas verbas que haviam sido vetadas na votação inicial, do mês de março.

Diante do morde-assopra do STF com os juízes e desembargadores, o pedido de explicação aos tribunais de justiça veio na esteira da divulgação pela imprensa de que os altíssimos salários seguiram, e que nos últimos meses, chegaram ao valor absurdo de **R\$495 mil**.

Testas de ferro

Mas não nos deixemos enganar. Os quatro ministros da corte que pediram o esclarecimento, além de relatores das principais ações no STF que discutem a regulação dos penduricalhos, são também os testas de ferro na defesa do próprio

Supremo frente às críticas que este recebe por sua atuação ilegal de censura, perseguição judicial, controle das decisões políticas e ataque às liberdades democráticas. E são os ministros que lutam para ocultar as participações de Moraes e Dias Toffoli no escândalo do Banco Master.

Os salários dos juízes são uma aberração do Estado brasileiro. Mas a tentativa do STF de “resolver o problema” é uma encenação, apenas uma forma de desviar o foco de sua própria sujeira e administrar a crise geral do judiciário. O STF não tem a confiança do povo, e nenhum código de ética ou solução interna resolverá a situação. Só o controle dos trabalhadores sobre o poder judiciário pode dar cabo a estes abusos, com o fim do STF como última instância de decisão, eleição de juízes com mandato revogável e redução dos salários estatais ao nível de operários especializados!



ENCENAÇÃO Mendes, Moraes, Dino e Zanin, em ação para “melhorar a imagem” do STF

O vale tudo por dinheiro no PSOL

Aproximação das eleições de outubro abriu uma nova crise no PSOL. O motivo é a divisão dos R\$131,5 milhões do Fundo Eleitoral que o partido deverá receber para a campanha de 2026.

A deputada federal Erika Hilton e o ministro Guilherme Boulos entraram em choque com a direção nacional do partido, denunciando o que chamam de descumprimento de

acordos sobre a distribuição dos recursos. O caso é uma aula prática sobre a esquerda pequeno-burguesa identitária. Por trás de muito discurso moral, está a disputa mesqui-

nha por dinheiro, cargos, mandatos e posição dentro do aparelho eleitoral.

A crise veio a público após Hilton afirmar, nas redes sociais, que estava “*chocada e de-*

cepcionada” com a proposta apresentada pela direção, sustentando que candidaturas consideradas puxadoras de votos não receberam o tratamento prometido.

O episódio expõe uma disputa por recursos públicos dentro de um partido que costuma criticar a chamada “velha política”. Segundo informações divulgadas pela imprensa, a direção estuda destinar “apenas” cerca de R\$2 milhões para candidaturas à reeleição de deputados federais, incluindo Erika Hilton. O mesmo valor poderá ser destinado a nomes sem mandato considerados estratégicos, como Natália Boulos, esposa de Guilherme Boulos, e Juliano Medeiros, presidente da federação PSOL-Rede. A ex-deputada Manuela D’Ávila, recém-filiada ao partido, poderá receber uma quantia ainda maior

para disputar o Senado pelo Rio Grande do Sul.

Boulos saiu em defesa de Hilton, afirmando que a deputada tem razão ao cobrar o cumprimento dos acordos e que sua candidatura deve ser valorizada. Já a direção do PSOL respondeu que Erika Hilton é o maior investimento da legenda entre as candidaturas proporcionais e que a proposta ainda será submetida às instâncias partidárias.

A crise não expressa nenhum debate sério sobre os problemas do povo brasileiro. Não há, no centro da discussão, salário, emprego, repressão policial, carestia, privatizações ou luta contra o imperialismo. O que há é uma disputa entre parlamentares, ministros e dirigentes por recursos eleitorais, de forma semelhante ao que faz a direita.



QUEM DÁ MAIS? Erika Hilton e Guilherme Boulos criticaram publicamente a direção do seu partido

Déficit recorde expõe crise da política industrial brasileira

Os números refletem décadas de desindustrialização e de abandono de uma política nacional voltada ao desenvolvimento científico e tecnológico

A balança comercial brasileira de automóveis registrou, no primeiro semestre de 2026, o maior déficit de sua história: US\$5,32 bilhões. As importações alcançaram US\$7,79 bilhões, enquanto as exportações caíram 15,2% em relação ao mesmo período de 2025, somando apenas US\$2,47 bilhões.

A China respondeu por 72% dos automóveis importados pelo Brasil, um salto impressionante diante dos 5% registrados em 2021. Os veículos eletrificados — híbridos e elétricos — representaram 79% de todas as importações do setor, evidenciando o atraso brasileiro na produção de tecnologias de ponta.

Perdendo espaço

Após décadas com grande presença na exportação

de automóveis para diversos países da América Latina e do Oriente Médio, entre outros, a indústria nacional vem perdendo espaço.

Em 2017, as exportações brasileiras de veículos atingiram US\$3,3 bilhões no primeiro semestre; em 2026, caíram para US\$2,47 bilhões. Desde 2023, quando os veículos elétricos chineses passaram a entrar em massa no mercado brasileiro, a balança comercial do setor tornou-se deficitária, aprofundando uma tendência de perda de competitividade.

O problema não pode ser explicado apenas pela eficiência da indústria chinesa. A diferença está na estratégia adotada por cada país. A China realizou investimentos maciços em pesquisa, inovação, universidades,

formação de engenheiros e desenvolvimento tecnológico, além de implementar uma política industrial de longo prazo voltada para setores estratégicos, como a indústria automobilística e a produção de baterias.

Exportador de matérias primas

O Brasil, por outro lado, consolidou um modelo econômico baseado na exportação de produtos primários, como carnes, soja, minério de ferro e petróleo. Em vez de ampliar a produção de bens industriais de alto valor agregado, o País tornou-se cada vez mais dependente da venda de matérias-primas e da importação de produtos tecnologicamente sofisticados.

Essa opção também se reflete nos investimentos insuficientes em ciência,

tecnologia e educação pública. Sem uma política consistente de fortalecimento das universidades, dos centros de pesquisa e da inovação industrial, a capacidade nacional de desenvolver novas tecnologias permanece limitada. O resultado é a perda gradual de espaço da indústria brasileira nos mercados interno e externo.

O déficit recorde da balança comercial de veículos é, portanto, mais do que um dado conjuntural. Ele evidencia o enfraquecimento da capacidade produtiva nacional e a crescente dependência tecnológica do País. Sem uma política de reinustrialização apoiada no desenvolvimento científico, tecnológico e educacional, o Brasil tende a aprofundar sua condição de exportador de matérias-primas e importador de produtos de maior conteúdo tecnológico, ampliando sua vulnerabilidade econômica.

Empobrecimento

O auge da industrialização do Brasil ocorreu há 40 anos, em 1986, quando chegou a 36% do PIB nacional. Atualmente, a participação da indústria no PIB brasileiro representa cerca de 23,4% da economia na-

cional, segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Quando se isola a indústria de transformação (fábricas, produção de bens de consumo, etc.), o percentual fica próximo a 10,8% do PIB, conforme levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI). Um enorme retrocesso.

Na década de 80, o emprego formal na indústria representava 27% de todos os trabalhadores contratados no país. Atualmente, caiu para 14%.

A desindustrialização é o principal fator do empobrecimento nacional, deixando milhões de pessoas desempregadas, ou sem vínculo de emprego, “pejotizados”, salários arrochados e 54 milhões dependendo do Bolsa Família para não morrer de fome.



LADEIRAABAIXO Participação da indústria que já foi de 36% no PIB, hoje representa cerca de 23,4%

“Socialistas” querem ajudar Tarcísio na repressão aos estudantes

A deputada estadual Marina Helou (PSB-SP) apresentou uma representação ao Ministério Público de São Paulo (MP-SP) pedindo que o governo estadual, sob o comando do tucano-bolsonarista Tarcísio de Freitas (Republicanos), regulamente a aplicação da lei que restringe o uso de celulares por estudantes nas escolas.

Segundo a parlamentar “socialista”, a ausência de normas complementares dificulta a aplicação da medida nas redes de ensino. A iniciativa busca obrigar o Executivo a estabelecer orientações práticas sobre fiscalização, armazenamen-

to dos aparelhos e apoio às equipes escolares.

Helou afirma que a legislação está em vigor há cerca de um ano e meio, mas ainda faltam diretrizes claras para diretores e professores aplicarem as restrições de forma uniforme. Para a deputada, a falta de um protocolo oficial transfere às equipes escolares a responsabilidade de resolver, caso a caso, situações relacionadas ao uso dos aparelhos.

A lei foi sancionada pelo governador Tarcísio de Freitas e proíbe o uso de celulares em escolas públicas e particulares do estado de São Paulo. A nova represen-



COMO TARCÍSIO Marina Helou(PSB)e os “socialistas” tucanos defendem mais repressão contra a juventude

tação amplia a pressão para que a proibição seja aplicada de maneira mais rígida no interior das unidades escolares. Uma demonstração de que a juventude não está se submetendo à ditadura que a burguesia tenta instituir nas escolas.

Evidencia também o papel de setores da esquerda parlamentar de apoiadores dos governos da direita na sua política reacionária de repressão à liberdade de ex-

pressão e acesso à informação para a juventude.

É a “esquerda cadeeira” que imita a política da direita que, ao mesmo tempo em que ataca duramente o ensino público, busca reprimir a liberdade dos jovens na escola e na sociedade de uma maneira geral.

Diante dessa política da direita, as organizações estudantis (UBES, UPES, UMES etc.) estão totalmente paralisadas por conta da orienta-

ção política de suas direções (vinculadas a partidos da esquerda parlamentar) que se submetem e apoiam a política repressiva da direita, entre outras questões visando obter questionáveis dividendos eleitorais.

Contra essa política obscurantista é preciso mobilizar a juventude com um programa em defesa da irrestrita liberdade de expressão, de acesso à informação e pelo fim da ditadura nas escolas.



Internacional

Fracassa a perseguição judicial e Le Pen será candidata em 2027

Justiça francesa é forçada a abrir caminho para a candidatura da líder da extrema-direita

Marine Le Pen, líder da direita francesa, teve sua inelegibilidade reduzida pela Justiça, permitindo que ela concorra à presidência em 2027, mesmo sob o monitoramento de uma tornezeira eletrônica. A decisão judicial, mantendo sua condenação por desvio de recursos públicos, mas flexibilizando a pena, reacendeu o debate sobre a polarização política e o crescimento da extrema direita na França e em toda a Europa.

O fracasso do “caminho do centro”

O caso de Le Pen não é isolado. A ascensão da extrema direita é um fenômeno presente não

só na França, mas também em países como Alemanha e Reino Unido, onde o “caminho do centro” tem falhado em conter o avanço desses movimentos. No Brasil, a estratégia de judicialização política contra a extrema direita também não surtiu o efeito esperado, resultando em um aumento de apoio popular ao bolsonarismo.

A política de ataques aos trabalhadores, implementada por governos alinhados aos interesses dos grandes bancos e setores do imperialismo, como o de Emmanuel Macron, tem alimentado a insatisfação popular e a

busca por alternativas políticas que, muitas vezes, encontram eco na extrema direita.

Desafios para a Esquerda

Diante desse cenário, a esquerda combativa precisa superar a política da esquerda parlamentar, submetida à pressão do imperialismo. A crescente polarização política exige um programa robusto de lutas e a mobilização dos trabalhadores e da juventude.

Marine Le Pen já anunciou sua intenção de concorrer em 2027, destacando-se como uma figura resiliente, apesar dos desafios legais. Sua candidatura



Reprodução

LE PEN Líder da direita francesa teve sua inelegibilidade reduzida pela Justiça

simboliza tanto a resistência da extrema direita quanto as falhas de uma política de centro que não consegue responder às crescentes demandas sociais. Em um cenário de polarização, a esquerda precisa se mostrar pronta para propor soluções

concretas e inclusivas, capaz de mobilizar as massas em torno de um projeto revolucionário contra a política do imperialismo de fazer com que os trabalhadores paguem pela crise, tendo como carrascos a extrema direita ou o “centro democrático”.



“URUBUS” País é vítima do bloqueio e dos ataques de direitistas como Magnoli(destaque)

O sociólogo direitista Demétrio Magnoli publicou no jornal O Globo um artigo atacando a resposta do governo venezuelano aos graves terremotos que atingiram o país no final de junho. No artigo intitulado “Mais fuzis do que pás na Venezuela”, o sociólogo da direita, destila o seu veneno imperialista. Para Magnoli: “a segurança da camarilha no poder, não o auxílio às vítimas dos terremotos, é a prioridade absoluta do governo”.

Magnoli, cita em seu artigo um suposto voluntário que

atuaria no resgate às vítimas da catástrofe: “aqui, há mais fuzis que pás, irmão!”. E complementa com a análise de um suposto especialista antichavista: “eles [exército] estão preparados para distúrbios sociais, não desastres naturais”.

Magnoli acusa, sem provas, que “o regime chavista dilapidou sistematicamente os bens públicos ao longo de anos”. A perfídia consiste em usar a tragédia para sustentar que a Venezuela é uma ditadura. Essa campanha imperialista é abraçada por setores de

esquerda brasileira. O Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), por exemplo, traduz a política imperialista para uma linguagem esquerdista. Segundo o MRT: “a crescente participação das forças armadas na gestão da crise social expressa, além disso, um processo de militarização de funções civis... trata-se de uma forma de gestão da crise que desloca a organização social...”.

Magnoli esconde cinicamente que os “fuzis” que ele tanto odeia são os mesmos que impediram que

a Venezuela fosse completamente retalhada e transformada em uma colônia aberta de Washington após a invasão recente. Ele exige que o exército venezuelano deponha as armas e use apenas “pás” no exato momento em que o país está cercado e agredido militarmente pelos EUA.

Ao endossar a tese burguesa de que o problema da Venezuela é a “centralização” e o controle militar, o MRT protege o imperialismo norte-americano na hora em que o povo venezuelano

mais precisa de solidariedade contra o bloqueio.

Ambos apontam a metralhadora contra o mesmo alvo: o governo que resiste ao imperialismo. O MRT adota uma neutralidade covarde. Para eles, a fome, a falta de infraestrutura e a escassez de materiais médicos na Venezuela após o terremoto não são o resultado direto das sanções criminosas dos EUA que congelaram as contas do país e impediram a compra de insumos básicos; são culpa da “gestão chavista”.



Internacional

O adeus a Khamenei reuniu milhões e foi uma gigantesca demonstração força

Foram as maiores manifestações dos últimos tempos, evidenciando a força e a liderança da política revolucionária do Irã

Milhões de iranianos tomaram as ruas de Teerã no último dia 6 para acompanhar o cortejo fúnebre do mártir Aiatolá Saied Ali Khamenei, líder da Revolução Islâmica, assassinado por EUA e “Israel” no dia 28 de fevereiro, primeiro dia da agressão conjunta contra o Irã.

Delegações de quase 100 países chegaram ao Irã para participar das cerimônias, incluindo representantes da Rússia, China, Índia, Paquistão, Iraque, Tadjiquistão, Turquia e de outros países. A presença internacional reforça o caráter político do fúne-

ral, transformado em uma grande manifestação contra a agressão imperialista e contra o assassinato do principal dirigente da Revolução Islâmica após o aiatolá Khomeini.

Cerca de 20 milhões de pessoas teriam participado das manifestações, apenas no Irã.

Resistência aos inimigos

O secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, Mohammad Baqer Zolqadr, afirmou que a multidão reunida para o funeral expressava a decisão nacional de resistir aos inimigos e

exigir vingança pelo sangue de Khamenei.

A fala do dirigente iraniano resume o clima político das cerimônias. Foram uma mobilização nacional em torno da continuidade da política de resistência conduzida por Khamenei durante décadas, diante dos EUA, de “Israel” e de seus aliados no Oriente Médio.

O assassinato do Líder da Revolução Islâmica foi seguido por uma resposta militar iraniana de grande porte, com ataques contra bases e instalações militares dos EUA na região e disparos de mísseis contra



MAIOR DE TODOS Público estimado, em Teerã, foi 50 vezes maior do que o do funeral do Papa Francisco

alvos nos territórios ocupados por “Israel”.

O comandante-em-chefe do Exército iraniano, major-general Amir Hata-mi, declarou que o Irã não abandonará a busca por justiça contra os responsáveis pelo assassinato de Khamenei.

A declaração foi feita no segundo dia das cerimônias públicas. Khamenei tinha 86 anos quando foi morto no ataque contra seu gabinete em Teerã, junto de familiares e de altos comandantes militares.

Continuidade da política de Khamenei

O chefe do Estado-Maior do Exército e coordenador-adjunto da força, contra-almirante Habibollah Sayyari, também afirmou que as Forças Armadas iranianas darão continuidade ao legado militar de Khamenei. Segundo ele, o fortalecimento, a modernização e o poder de dissuasão do Irã foram impulsionados diretamente pela orientação do Líder assassinado.

As cerimônias continuaram nos dias seguintes. No dia 7, houve cortejos

na cidade sagrada de Qom. No dia 8, as procissões seguiram para o Iraque, com atos nos santuários do Imam Ali, em Najaf, e do Imam Hussein e de Hazrat Abbas, em Karbala. Mostrando a importância da liderança de Khamenei e do Irã, o país vizinho decretou feriado para que milhões participassem das homenagens.

O sepultamento foi realizado no dia 9, no santuário do Imam Reza, em Mashhad, cidade natal de Khamenei, conforme sua vontade.

1.000 dias de genocídio e Resistência na Faixa de Gaza

A Faixa de Gaza alcançou 1.000 dias de genocídio, com uma devastação que atinge 90% do território, enquanto a resistência palestina mantém viva a esperança de liberdade. Depois dos heróicos atos de 7 de outubro de 2023, quando a Resistência, liderada pelo Hamas, reagiu contra a ocupação sionista nos territórios por ele invadidos, mais de 73.000 palestinos, incluindo 21.500 crianças, perderam suas vidas devido à ofensiva israelense. Com uma carga explosiva 16 vezes superior à bomba de Hiroxima, Israel lançou cerca de 223 mil toneladas de explosivos sobre Gaza.

Cerca de 400 mil pessoas sobrevivem com

apenas uma refeição por dia, e a escassez de medicamentos básicos ameaça a saúde de milhares. A ONU relata que o desenvolvimento humano em Gaza retrocedeu 77 anos, enquanto a expectativa de vida caiu para 40 anos. O bloqueio à entrada de ajuda humanitária agrava ainda mais a situação, com apenas um terço dos caminhões conseguindo entrar no território.

Apesar da devastação, a Resistência palestina permanece firme. Em declaração conjunta, as organizações palestinas afirmaram que “Israel” falhou em alcançar seus objetivos militares e que a chama da Resistência em Gaza não pode ser apagada.

Internamente, o regime sionista está em colapso, enfrentando críticas diante do fracasso na guerra. Emissoras israelenses como o Canal 13 e o Canal 12 destacam o enfraquecimento da posição regional e internacional de “Israel”, além de uma relação deteriorada com os EUA. Enquanto isso, a resistência palestina rejeita qualquer forma de tutela estrangeira, defendendo um governo autônomo e legítimo para a Faixa de Gaza.

O plano de reconstrução chamado Fênix, elaborado pelas administrações municipais de Gaza, reflete a esperança de um futuro melhor. Com a abertura das fronteiras, a população está pronta para reconstruir suas casas e comunidades.

Vitória russa em Lugansk: um duro golpe no imperialismo

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou dias atrás a libertação completa da República Popular de Lugansk, um marco significativo na operação militar especial russa na Ucrânia. A conquista de Lugansk, seguida pela libertação da cidade de Konstantinovka, representa não apenas uma vitória militar, mas também um golpe simbólico contra o que o Kremlin descreve como imperialismo ocidental promovido pela OTAN.

Konstantinovka, situada no estratégico Donbass, foi palco de uma intensa batalha. O sistema de defesa da cidade incluía linhas fortificadas, trincheiras e obstáculos que visavam impedir o avanço russo. No entanto, as forças armadas russas conseguiram superar essas defesas, resultando na perda de cerca de 13,5 mil soldados ucranianos e uma significativa quantidade de equipamentos militares.

Em meio ao conflito, o Ministério da Defesa russo propôs uma pausa humanitária para permitir a troca

dos corpos de soldados mortos. A proposta previa um cessar-fogo temporário, mas foi rejeitada por Kiev, segundo autoridades russas, que lamentaram a decisão como uma demonstração de des-caso com os soldados ucranianos. Mais de 20 órgãos da imprensa internacional expressaram interesse em cobrir essa ação humanitária.

A vitória russa em Lugansk e Konstantinovka é vista como um passo crucial na estratégia de Moscou para enfraquecer o regime ucraniano, alimentado por interesses imperialistas ocidentais. As ações militares russas são uma resposta dos povos russos e do seu governo à manipulação da Ucrânia pela OTAN para satisfazer os interesses de bancos internacionais, da indústria armamentista e do setor petrolífero.

Putin destacou que o verdadeiro objetivo dos “pacificadores” europeus é prolongar o conflito. Ele critica a narrativa ocidental, afirmando que as declarações de sucesso por parte de Kiev servem apenas para desor-

ganizar seus próprios esforços e os de seus aliados.

A libertação de Lugansk e Konstantinovka é uma vitória estratégica para a Rússia na sua campanha militar. Evidencia a capacidade das forças russas de desafiar a resistência ucraniana fortemente apoiada pelo Ocidente.

AVANÇO Vladimir Putin, anunciou a libertação completa da República Popular de Lugansk



🌐 **PCO.ORG.BR**
📘 **FACEBOOK: PCO29**
✂️ **X: PCO29**
📷 **INSTAGRAM: PCO.29**